

*O despertar filosófico em África* de Alphonse Elungu Pene Elungu: Uma referência permanente para o conhecimento do pensamento filosófico africano

Almerindo Jaka Jamba

---



**Edição electrónica**

URL: <http://mulemba.revues.org/307>

**Editora**

Edições Pedagogo

**Edição impressa**

Data de publicação: 1 Novembro 2014

Paginação: 599-604

ISSN: 2182-6471

**Referência eletrónica**

Almerindo Jaka Jamba, « *O despertar filosófico em África* de Alphonse Elungu Pene Elungu: Uma referência permanente para o conhecimento do pensamento filosófico africano », *Mulemba* [Online], 4 (8) | 2014, posto online no dia 20 Novembro 2016, consultado o 10 Janeiro 2017. URL : <http://mulemba.revues.org/307>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 Janeiro 2017.

Tous droits réservés

---

# *O despertar filosófico em África* de Alphonse Elungu Pene Elungu: Uma referência permanente para o conhecimento do pensamento filosófico africano

Almerindo Jaka Jamba

---

## NOTA DO AUTOR

Texto da apresentação pública da tradução portuguesa da obra do filósofo e académico congolês-democrático ELUNGU P. E. A., *O despertar filosófico em África* (Tradução de Narrativa Traçada, revisão de José Miguel Cerdeira. Luanda, Edições Mulemba; Mangualde, Edições Pedagogo, 2014, 156p. [«Reler África»]), lido por ocasião das «Actividades alusivas a abertura do II semestre do ano lectivo de 2014», no anfiteatro da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN), em Luanda, no passado dia 20 de Agosto de 2014.

- 1 Em primeiro lugar, gostaria de agradecer muito sinceramente à organização desta jornada e de modo especial ao Senhor Professor Doutor Víctor Kajibanga, pelo convite que me foi endereçado para a apresentação da obra do professor Elungu.
- 2 A obra *O despertar filosófico em África* do académico congolês Alphonse Elungu Pene Elungu, apesar de ter sido publicada em 1976, portanto, há quase cerca de quatro décadas, continua a ser uma referência pertinente para o acervo bibliográfico voltado para o estudo do pensamento filosófico africano. Para o autor, a obra dedica-se à análise de um conjunto de transformações profundas que tiveram lugar em África com a transição

dramática da sociedade clânica para a sociedade moderna, do conflito entre as civilizações africanas tradicionais e da civilização ocidental moderna.

- 3 Ela busca estudar as reacções conscientes e reflectidas dos africanos face a essa situação de conflito, ruptura e desafio. Esta demanda filosófica resulta da angústia que dilacera o africano face às transformações psicológicas, sociais, religiosas e metafísicas de que é protagonista, visando assegurar-se melhor da sua mundividência, da sua hierarquia de valores, das suas normas de conduta intelectual e moral.
- 4 Como sublinha o filósofo congolês, não existe terreno mais propício à eclosão da filosofia do que essa África dilacerada, não existe tema mais estimulante do que o africano dividido entre a tradição e a modernidade, o qual se vê assim obrigado a trilhar um novo rumo, a forjar um novo destino.
- 5 O livro, de 156 páginas, é constituído por um prefácio, uma introdução, duas grandes partes e uma conclusão. A primeira grande parte da obra, apresentada em três capítulos, o que o autor considera serem as principais correntes do pensamento filosófico africano. Na segunda parte, o autor trata do que considera ser a filosofia africana *strictu sensu* e, sobretudo, o dever ser da filosofia africana moderna.
- 6 Para Elungu, as três principais correntes do pensamento filosófico africano são as seguintes: *As filosofias etnológicas, as filosofias ideológicas e as filosofias críticas*. Para o autor, a emergência da corrente etnológica ocorre com a publicação, em 1945, na então cidade de Elisabethville (actual Lumbumbashi), do livro *La Philosophie Bantoue*, do missionário Belga Placide Tempels. Para a elaboração desta obra pioneira e polémica, Tempels fez estudos a partir da recolha de provérbios, lendas, adágios, contos, canções populares do grupo etnolinguístico Baluba. Contrariamente aos preconceitos daquela época, Tempels na sua obra *Filosofia Bantu* defendeu a ideia de que os Bantu não só têm uma mentalidade lógica, mas também possuem um sistema lógico, uma filosofia positiva completa do universo, do homem e das coisas que o rodeiam, da vida, da morte e da sobrevivência. Para Tempels os Bantu possuem uma ontologia, por conseguinte uma filosofia.
- 7 Outro autor, influente e representativo da filosofia etnológica, é o pensador rwandês Alexis Kagame (1912-1981), que também defende a existência de um sistema de filosofia bantu. O título da sua obra é sugestivo: *La Philosophie bantu-rwandaise de l'être*. Na sua investigação, Kagame apoiou-se nas tradições orais e na análise duma língua que ele conhecia bem: o kinyarwanda.
- 8 A segunda principal corrente do pensamento filosófico africano é a das *filosofias ideológicas*. Esta corrente, com interesse e objectivos não exclusivamente filosóficos, buscou sobretudo dar uma resposta à exigência imediata dos problemas ligados ao colonialismo, da necessidade inadiável de aceder às independências, assim como, ao fim à escravatura e à exploração do homem africano. No estudo da corrente ideológica o autor identificou cinco principais ramificações, que se seguem: Panafricanismo, Negritude, Socialismo Africano, Socialismo Científico, Nacionalismo pragmático. A ideologia panafricana teve o seu berço junto da diáspora africana, nas Antilhas e nas Américas, em finais do século XIX e inícios do século XX. Das figuras mais representativas do movimento panafricanista o autor destaca três personalidades na diáspora e uma no continente africano: o Dr. William Burghart Du Bois (1868-1963) natural dos Estados Unidos da América, intelectual duma formação multidisciplinar, primeiro académico africano-americano, promotor e animador incansável dos Congressos Panafricanistas, que foram as principais tribunas da divulgação dos grandes objectivos do panafricanismo junto das comunidades negras nas

Américas, na Europa e no continente africano. A segunda personalidade de destaque é o visionário Marcus Garvey (1885-1940), também considerado «o *messias negro*», que utilizando a linguagem do coração e da paixão buscou mobilizar as comunidades negras da diáspora para os seguintes objectivos específicos: a transferência dos negros para o seu continente, chegando a fundar companhias para esse efeito, e sobretudo, a necessidade da criação dos Estados Unidos da África. Em terceiro lugar, o Dr Price Mars (1876-1969), natural do Haiti, médico, antropólogo, historiador e sociólogo cujos esforços visavam a «*redescoberta*» e a reabilitação de África. A nível do continente africano, a ideologia panafricana mereceu uma atenção especial por parte de jovens intelectuais africanos, que se encontravam na Europa e na América. A figura emblemática desta influência é o ghanês Kwame Nkrumah. Nkrumah, que a partir da Universidade de Lincoln, onde estudou teologia e filosofia, entrando em contacto com as ideias panafricanistas através das comunidades negras. Dos seus contactos na América com os grupos comunistas, Nkrumah reteve a teoria leninista relativa ao imperialismo capitalista. De Du Bois conserva a ideia revolucionária da igualdade racial e da premência do combate teórico e prático para a sua concretização. De Garvey retém o «*messianismo político-religioso*» tendo como intuito principal a libertação do negro através da criação dos Estados Unidos da África.

- 9 *Em relação à Negritude*: A negritude é outra ramificação da corrente ideológica do pensamento filosófico africano, e tem em Léopold Sédar Senghor um dos seus mais ilustres defensores. No pensamento Senghoriano podemos identificar três actos essenciais. *Primeiro*, a revolta cultural ou a recusa da assimilação. *Segundo*, a perspectivação filosófica da obra literária e poética. *Terceiro*, a representação do essencial da civilização negro-africana.
- 10 *Em relação ao Socialismo*: o socialismo é uma doutrina social relacionada com a organização social dos homens. Enquanto ideologia, o socialismo é sustentado das *filosofias críticas* às duas correntes anteriores. A atitude crítica dirige-se aquilo que os seus autores denominaram de *etnofilosofias* e *ideologias*. Para esses críticos, só existe filosofia onde existem em primeiro lugar os filósofos. Para esses pensadores, a essência da filosofia reside no compromisso pessoal, consciente e responsável em relação ao discurso racional e crítico. Os filósofos críticos rejeitam à partida a aceitação de mitos, estereótipos, de ideias preconcebidas. Os filósofos críticos, que mais se destacaram na crítica à etnofilosofia foram os seguintes: Eboussi Boulaga, com as suas críticas pertinentes num artigo intitulado «Le Bantu Problematique», que escreveu em 1968 para a revista *Présence Africaine*; Franz Crahay, num artigo crítico, denominado «Le decollage conceptuel: condition d'une philosophie bantoue», publicado em 1965 pela revista *Diogenes*; e Paulin Hountondji com as suas críticas à etnofilosofia no artigo «*Histoire d'un mythe*» publicado em 1974 na revista *Présence Africaine*.
- 11 Por último, e depois duma incursão às três principais correntes da filosofia africana, em guisa de conclusão o autor questiona o que é que a filosofia africana moderna deve ser, em que é que a filosofia africana deve tornar-se para assumir-se verdadeiramente como filosofia? Obviamente, o autor coloca a sua proposta, para ele o aspecto mais importante não reside na África tradicional, nem na modernidade europeia, mas sim no *projecto de nós mesmos* face às exigências da universalidade do discurso no qual a ciência se expressa em liberdade.

- 12 O livro do professor Elungu vale a pena ser lido não só por filósofos como por não filósofos, académicos, estudiosos e sobretudo jovens sedentos de compreender a contribuição da África para o pensamento filosófico.
- 13 Em boa hora, esta obra mereceu a tradução para a língua portuguesa pela Faculdade de Ciências Sociais (FCS), a fim de alargar o círculo dos amantes da filosofia africana, de investigadores da história da filosofia africana. Como aconselha o provérbio angolano em língua nacional umbundu *Nda wa pumba onjevo, okateye ohonji, ngongo hati kalale*, isto é, «Se fores à caça e não tiveres sucesso, não partas o teu arco, o destino recomenda repousar e retomar no dia seguinte».

---

## BIBLIOGRAFIA

- BODUNRIN Peter, 1981, «The question of African Philosophy», *Philosophy* (Cambridge), vol. 56, n.º 216, pp. 161-179, Cambridge University Press.
- BOULAGA Fabien Eboussi, 1968, «Le Bantou problématique», *Présence Africaine* (Paris), n.º 66, pp. 4-40.
- COETZEE Pieter Hendrik e ROUX A. P. J., 1998, *The African Philosophy Reader. A text with readings*. New York, Routledge.
- CRAHAY Franz, 1965, «Le décollage conceptuel: conditions d'une philosophie bantoue», *Diogenes* (Paris), n.º 52, Outubro-Dezembro, pp. 61-84.
- EZE Emmanuel Chukwid, 1998, *African Philosophy. An anthology*. Oxford, Blackwell.
- HOUNTONDI Paulin, 1970 «Remarques sur la Philosophie africaine», *Diogenes* (Paris), n.º 71, pp.120-140.
- HOUNTONDI Paulin, 1974, «Histoire d'un mythe», *Présence Africaine* (Paris), n.º 91, pp. 3-13.
- HOUNTONDI Paulin, 1976, *Sur la Philosophie Africaine. Critique de l'ethnophilosophie*. Paris, François Maspéro.
- IMBO Samuel Olouch, 1998, *An introduction to African Philosophy*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers.
- MASOLO Dismas A., 1994, *African Philosophy in search of identity*. Bloomington, Indiana University Press.
- TEMPELS Padre Placide, 1945, *La Philosophie Bantoue*. Traduzido do holandês por A. Rubbens. Elisabethville, Lovania Éditeur.
- TEMPELS Padre Placide, 1949, *La Philosophie Bantoue*. Traduzido do holandês por A. Rubbens. Paris, Présence Africaine.
- WIREDU Kwasi, 2004, *A companion to African Philosophy*. Oxford, Blackwell.

## AUTOR

### ALMERINDO JAKA JAMBA

[jakajamba@gmail.com](mailto:jakajamba@gmail.com)

Professor Auxiliar do Departamento de Sociologia (DS) da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN).

Licenciado em Filosofia (1972), pela Universidade Clássica de Lisboa (Portugal); Mestre em Relações Internacionais e Estudos Superiores Diplomáticos (2007), pelo Centro de Estudos Diplomáticos e Estratégicos do Instituto de Altos Estudos Internacionais; pós-graduação em Filosofia (1974) pela Faculdade de Letras da Universidade de Genebra (Suiça) e em Resolução de conflitos (1998) pela Universidade de Uppsala (Suécia); Curso de Língua e Civilização Francesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Genebra (Suiça) e Curso de Língua Inglesa pela Universidade de Paris (França). É Professor Auxiliar do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Agostinho Neto (UAN), onde ensina as disciplinas de Fundamentos de Filosofia e Lógica. É professor de Diplomacia e Negociação Internacional, Integração económica e História contemporânea de Angola no Instituto Superior de Ciências Sociais e Relações Internacionais (CIS). As suas áreas de interesse são: História da Filosofia, Filosofia Africana, Antropologia Cultural e Diplomacia e Negociação Internacional. Materiais publicados: *Chine/États Unis d'Amérique: confrontation ou coopération?* Paris, Centre d'Études Diplomatiques et Stratégiques de Paris, 2007 [Trabalho de fim do curso]; *Building Nation in plural societies*, Uppsala University, 1998 [Trabalho de fim do curso apresentado no Departamento de Paz e Investigação de Conflitos na Universidade de Uppsala, Reino da Suécia]; *Le divertissement chez Pascal*. Genebra, Faculté de Lettres, Université de Genebra, 1974 [Trabalho de pós-graduação]. Anteriormente, desempenhou as seguintes funções: Secretário de Estado da Informação do Governo de Transição de Angola (1975), Deputado (1997-2004), Vice-Presidente da Assembleia Nacional (2008-2012) e Embaixador (Representante Permanente) da República de Angola junto da UNESCO (2004-2008).